

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 128

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

SEMANARIO

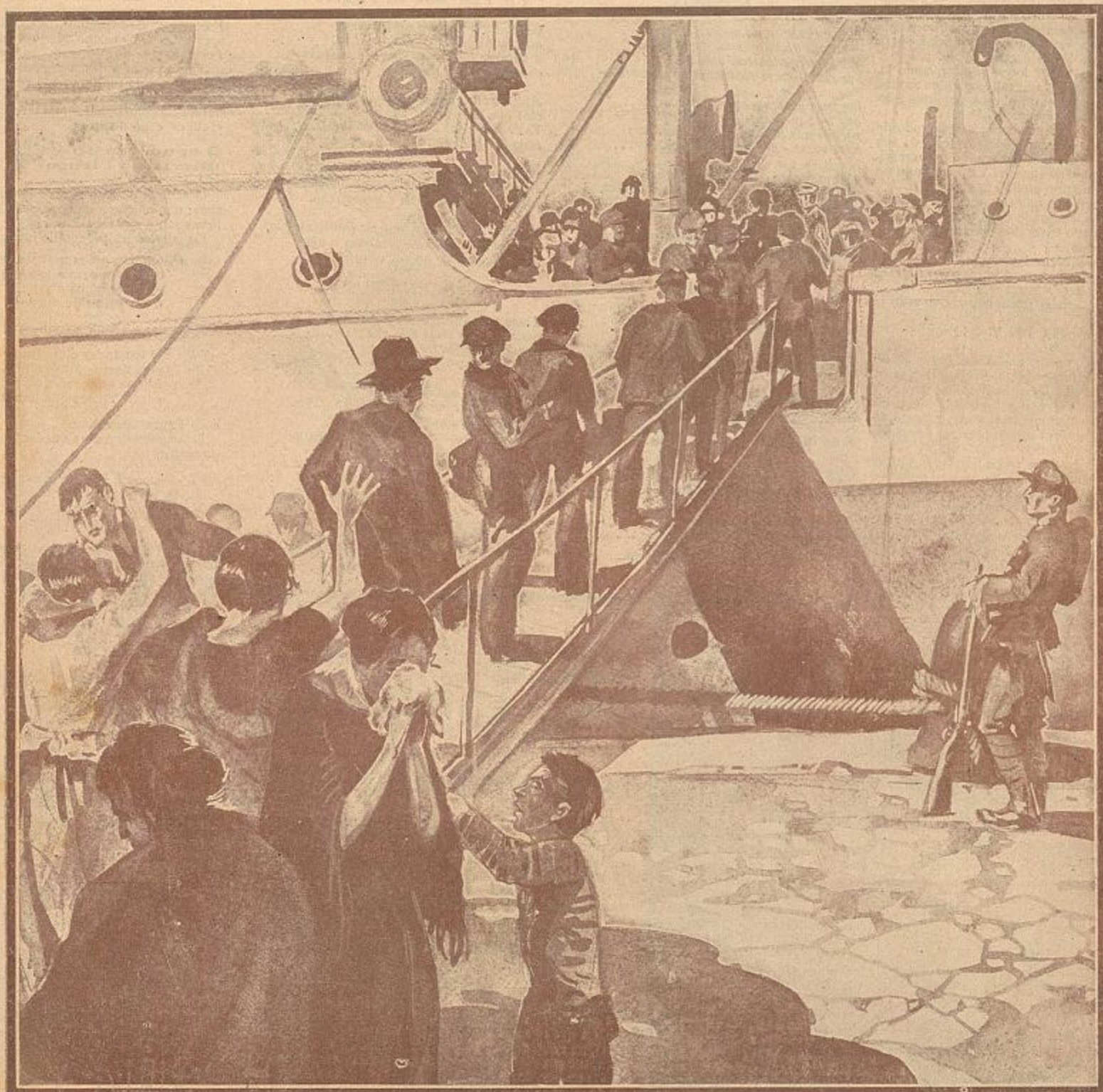
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



A LEVA DOS CADASTRADOS

Afim de limpar Lisboa dum grande numero de individuos, reputados incorrigiveis, e contando inconcebiveis cadastros, acabam de partir grandes levas para as colonias. Pensa se agora na obra de Assistencia Social aos filhos dos deportados.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS—Rua D. Pedro V 18—Telefone 631 N.—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

cronica da semana

FREI LUÍS DE SOUSA

ENTRE dois jornais de grande informação travou-se rija polémica acerca dum louco misterioso que se teria perdido na batalha de 9 de Abril e que, volvidos anos, regressou á sua terra, onde encontrou já sua mulher casada em segundas nupcias...

NORBERTO LOPES

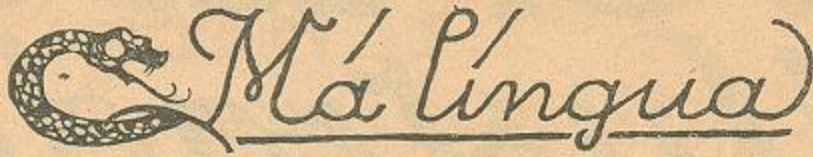
"O DOMINGO ILUSTRADO"

Estamos preparando activamente as nossas novas instalações para que dentro de muito pouco tempo "O Domingo Ilustrado" dê o grande salto para o qual vim's trabalhando de ha muito.

PATRICIOS



-O Senhor então tambem é algarvio? -Sou... quer dizer, sou metado do Algarve, metade cá. Quando vim de lá pesava 40 quilos, agora peso justamente 80!...



VARIAS

A PONTE

Um engenheiro do maior talento —ao que dizem gazetas insuspeitas que decerto conhecem obras feitas por esse a quem alcunham de portento,—

lançou agora um empreendimento que traz inumeras almas satisfeitas porque nos livra a todos de moleitas num vasto e proveitoso saneamento...

a Ponte sobre o Tejo! Maravilhas de ferro e aço... Os burros de Cacilhas, apesar de esmogados... não reagem.

queira Deus que afinal o nosso amigo não tente apenas, em favor de Vigo, ... arranjar uma ponte de passagem.

AGUAS...

Cahiu de novo uma onda de calor neste quintal «à beira mar plantado». Um beijinho do Sol ofegado; poeira; moscardos; suor; um horror.

Não sei para que havia o Creator de esta quadra de chama ter creado. Se assim tanto lhe dava como assado, antes «assim» que assado, meu Senhor!

Para mais, apozar de a Companhia das Aguas, que taes males nos trazia, ter sidó liquidada, ao que parece,

está tudo na mesma situação e quem quer vá beber da vercação a agua de bacalhau que ella fornece.

PER OMNIA FOECULA

Continua a Magem pela, mansa na sua teime de «fuzer farinha», a triturar cascalho e herva damninha de que o Zé, melancholico, enche a pança...

Andam diogrammas numa contradança com que sempre nos vão comendo a pinha... Tudo finge que avança e não caminha; tudo faz que caminha, e não avança.

Não me admira que os «lobos» da Moagem, entre os cordeiros que lhes não reagem tratem de compor bem o arranjinho.

O que me admira, o que me causa magua, é ver que até quando escasseia a agna ella a sabe levar ao seu moinho...

SCENA RUSSA

Duas manas, de idade já madura, solteironas a mais não poder ser, vendo a revolta tragica crescer [em Petregrado, onde a revolta é dura...]

carrigaram a dose da pintura tratendo de compór o parecer, e á espera do que fusse acontecer sentáram-se na sala austera e escura.

Entrou a horda. Um bando de cossacos que mobilia e baixela fez em côcos; (elles nada respettam, quanao assólam...)

Sahiu, sem os olhos... E uma dellas que os seguiu com a vista, das janellas, murmurou para a outra:—«Não violam...»

TACO

ECOS

Touros de morte

O nosso critico tauromáquico, referindo á corrida em que o snr. Ferreira do Amaral permitiu a morte duns touros, frisa que algumas senhoras eram dos mais entusiastas, no pedido para que os animais fossem sacrificados. Para que não se faça um mau juizo sobre o espirito humanitário das nossas mulheres, é preciso saber-se que se algumas quizeram ver correr o sangue de animais indefezos, muitas já reclamaram contra essa condescendência da autoridade. Protestou a Sociedade Protectora dos Animais, onde há centenas de socias, e o Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas. Protestaram as feministas, as que são alcunhadas de pouco «mulheres». Aplaudiram as senhoras que enchem os camarotes, nas tardes de touradas, e que se consideram absolutamente mulheres, por usarem «rouge» e pó de arroz.

O concurso do «Diario de Lisboa»

O «Diario de Lisboa teve um ideia gentilissima: um concurso de quadras. O melhor es-to corou a sua iniciativa. Eis o primeiro premio de honra: Oh, fon e dos musgos verdes quem me dera a tua sina...! - E's velhinha e n. o teu palrar de menina.

A quadra a seguir classificada:

O teu andar é tão leve nem deixa rasto no pó... E' que duas vidas juntas pesam menos que uma só. é de Laura Chaves. O 2.º premio é uma quadra ironica cheia de pitoresco:

Puz-me a brincar com o tempo A ver a graça que tinha... Encheu-me a cara de rugas e a cabeça de farinha.

Todas as outras quadras premiadas valem pelo interesse e intenção. Ao «Diario de Lisboa» as nossas felicitações pela sua iniciativa cheia de oportunidade, de graça portuguesa e de galanteria lisboeta.

A questão das reparações

Toda a gente sabe o que soffremos com a revolta de 7 de Fevereiro. Nada menos de 8 granadas, sendo duas explosivas, varreram por completo as nossas officinas. Só Deus e nós sabemos o que foi preciso fazer para não parar este jornal. Até á data de hoje ainda o Governo não deu um passo, apesar de todos os promettimentos, para nos ser paga a indemnisação annunciada. Nem á nós, nem a ninguém. Quando se atende a este estado de coisas? O acharão justo que alguns paguem por todos?

DEPOIS DO ENTERRO



-Os infelizes não são os que se vão, são os que ficam. -Os que ficam... aqui!...

questão prévia

BARBEAR, PENTEAR...

CONHEÇO uma certa matrona velhota que sae pela tarde, fresca, retocada, cheia de «pizes» e de poze, mas em quem a gente perssente inimidades pelintras. Não sei se é uma velha «cocotte» do tempo do côco—se alguma viuva consolavel dum marido «coco».

Lisboa, reloca de «maquillage» civilizado, os paquets» da rua do Ouro, e deixa as ruas lateraes intransitaveis—tal como esta «senhora que pinta a cara e não lava o pescoço».

DOMINGO
ilustrado

HUMORISMO



çavam a saia. Mesmo o perigo de se perder na vastidão daquelas calças.

Por fim parti, preocupado com as futuras excentricidades da moda, sempre de temer pela cega obediência dos seus devotos.

Mas um pouco adiante não me pude conter, sem voltar de novo curiosamente a cabeça, para olhar para traz e admirar mais uma vez aquele distintissimo calçudo da nos-



sa praça, que estava ainda parado no passeio, a cavaquear com dois amigos.

E aqui para nós, eu devo confessar-lhe sinceramente: assim de longe não era na verdade um homem de calças, eram apenas umas calças com um homem dentro.

AUGUSTO CUNHA

UM NOVO MONUMENTO DO ESCULTOR JULIO VAZ



O ilustre escultor Julio Vaz acaba de fazer inaugurar no Alto de Santa Catarina a sua estatua, representando o gigante Adamastor, que obteve muito agrado do publico.

(Foto Vénus)

ALDEIA DE MACACOS

O interesse que a Aldeia dos macacos despertou é uma coisa inexplicavel.

Numa terra de macacões, onde tudo se macaqueia, é extranha uma tal curiosidade.

A pasmeira que se junta em redor da muralha—espécie de fronteira—que separa os pacatos animais do convívio do mundo, que se diz civilizado, é todos os domingos colossal.

E é final para vêr uma coisa que não tem para nós a minima novidade.

A Aldeia dos Macacos! Pois se a nossa terra é já de si uma grande aldeia de macacos. Uma aldeia onde tudo,—modas, costumes, gostos, predilecções, teatro, literatura, a politica, as leis, o proprio paladar, os proprios vícios, tudo, enfim, é copiado, decalcado, macaqueado do estrangeiro.

Se a cada passo ouvimos destes argumentos, como justificação e atenuante. «Mas é como se faz lá fóra, meu amigo». «E' o que se adopta em França». «Foi o que eu vi em Londres». «E' o que faz a Italia». «Já na America» ou «na Alemanha deu optimos resultados», etc.

Por isso nos admira um tão grande interesse por macacos, quando estamos saturados de vêr por toda a parte macaqueadores e macacões. A não ser que o facto se explique por inclinação natural de camaradas, ou pelas afinidades que ligam os visitantes aos visitados.

Que grande economia, se todos os que lá vão guardassem o dinheiro, limitando-se a observarem-se, a repararem em si proprios, o que é final daria o mesmo resultado.

Tambem, devemos confessar que se não fôsse o feitiço macaqueador que possuímos, dada a nossa falta de imaginação e a velocidade que levamos no capitulo do progresso,—por vezes até fazendo marcha atraz—ainda hoje iriamos no carro de bois e na mala-posta. Talvez até mais atrazados. Porque em verdade, sob certos aspectos, pela ferocidade de instintos e selvageria de costumes, ainda vamos afinal por vezes na idade da pedra... ou pelo menos da pedrada.

CONTRASENSO



—Ele está muito mal, Sr. Dr., passa umas noites horríveis e quer suicidar-se.

—Que felice... Por passar mal as noites, quer acabar com os dias de vida...

EM CALÇAS PARDAS

E' cada vez maior o despotismo da moda e principalmente a sua extravagancia. Deusa tiranica faz andar agora os seus escravos em calças pardas e prega-lhes cada par de calças que os deixa a pedir esmola.

Um pobre «dandy» hoje em dia, só em calças, deve gastar uma fortuna.



Estou convencido que nem com 5 metros de fazenda certos mancebos chics conseguem levar a cabo a indumentaria dos membros inferiores.

Ontem, confesso que parei na Baixa, atonito de pasmo, perante um desses casos de calçomania que estão atacando a nossa juventude esperancosa.

Um desses rapazes «dernier cri», visto a dez metros, dava a impressão nitida, perfeita, de ter acabado de tomar parte numa corrida de sacos. Todo ele era calças.

Apenas a parte superior do tronco transportava um destes casaquinhos, estilo jaleca, de abas pelos rins, acanhadinho, estreito, mangas curtas.

Era seguramente o primeiro casaco que ele tinha vestido e que, por acaso conservado desde a mais tenra idade, se coadunava agora com a moda.

O mais era tudo calças; um «mare magnum» de calças, em ondas, em repregos, drapejando ao vento.

Na cabeça um chapelinho pequeno, aba descaída, cor duvidosa, de tijolo sujo; talvez um antigo chapéu preto que debotado por muitas intemperies era tambem agora a ultima palavra de chapelaria.

Nos olhos trazia o infeliz uns grandes oculos tambem de cor e largo diametro, estilo farol de automovel; no braço um bengalão retorcido e desconforme, capaz de assustar um batalhão de caceteiros; a camisa de furta côres, gravata idem com todas as côres do arco iris, optimo para caixeiros de drogaria; e finalmente nos pés uns enormes sapattorros, gigantescos, com três dedos de sola e tromba larga de hipopotamo. Em resumo, as unica coi-

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Curiosidades

LÁGRIMAS BENÉFICAS

O Dr. Alexandre Fleming, do Hospital de Santa Maria, em Londres, fez uma interessante descoberta, que vem dar um significado material á poética expressão de «lágrimas benéficas». Descobriu que as lágrimas contem uma substância chamada *lysozima*, que fulmina os microbios. Uma só lágrima derramada numa proveta contendo milhões de micróbios destrõe-os num abrir e fechar de olhos. E o mais extraordinário é que a *lysozima* não perde nunca a sua eficácia, podendo repetir-se indefinidamente a mesma experiência com a mesma lágrima. Descobriu ainda que em todo o corpo humano há vestígios de *lysozima*, o que explica que elle reája tão bem contra os seus piores adversários, os microbios.

O «HARA KIRI»

«Hara Kiri» significa, em japonês, «abertura do ventre». É o tradicional processo de suicídio dos japoneses. Primitivamente, o suicida abria, de facto, o próprio ventre. Depois, limitava-se a fazer uma pequena incisão, sendo um amigo ou um criado que lhe decepava a cabeça. Hoje o «Hara Kiri» é já muito raro. Por ocasião dos funerais do imperador Yoshihito, apenas um bufarinheiro, iludindo a rigorosa vigilância policial, conseguiu levá-lo a cabo. Em 1921, por ocasião da morte do mikado Mutsuhito, o general conde Nogi, fiel ás leis dos antepassados, praticou o «Hara Kiri», seguindo na morte aquele de quem fôra um leal servidor.

O ANIMAL MAIS VORAZ

O animal mais voraz parece ser o caimão, que raramente ataca o homem, mas devora tãda a especie de outros animais, desde as aves aquáticas aos bois. Pela sua marcha vagarosa, em terra, não é muito temido do homem. Nada com rapidez, mas sempre em linha recta, o que permite aos peixes livrarem-se facilmente das suas terríveis maxilas. Jejuando muitas vezes, o caimão é por isso muito voraz quando pode obter qualquer presa.

AS CABEÇAS E AS INTELIGÊNCIAS

Um médico de Worms, depois de inúmeros estudos e observações, voltou a ventilar a questão de o tamanho da cabeça estar ou não em proporção com a intelligência. As suas conclusões são afirmativas. Pelas observações feitas nas escolas, constata-se que os alunos muito bons tem muitas vezes a cabeça grande, muito poucas vezes cabeças pequenas e nunca muito pequenas. Por cabeças muito pequenas, entende-se a dum rapaz de sete anos cujo crânio não meça 48 cm. de volta; aos catorze anos, é pequena a cabeça que mede 50 cm. e meio. As cabeças de raparigas, em geral, medem um centimetro menos do que a dos rapazes, nas mesmas idades.

Os suíços do Vaticano

É frequente fazer-se referencia á Guarda suíça do Vaticano e falar-se no aparato marcial dos suíços do Papa. É possível que se ache estranhavel o facto do Sumo Pontífice viver sob a salvaguarda militar de cidadãos suíços, isto é, de filhos duma nação tão pouco dada a preocupações belicas. Por que motivo não está a segurança do Padre Santo e das inestimáveis preciosidades do Vaticano entregue a soldados da Espanha—a nação mais cristianissima—ou da Italia, o país que ha seculos serve de abrigo ao Sumo Pontífice? Porque se recorreu aos pacíficos suíços?

Eis a explicação: Quando Roma foi tomada pelas tropas imperiais e pelas guerrilhas do Condestavel de Bourbon, no ano de 1527, só os mercenários suíços da Guarda pontifical resistiram até o fim, na defeza do Vaticano, conseguindo, graças á sua heroica resistencia, que o Papa, Clemente VII, se refugiasse no castelo de São Angelo. O assalto foi a 5 de Maio e só sob o comando do Condestavel de Bourbon (que morreu nesse combate) havia 40 000 homens. A guarda suíça, composta de duzentos e cinquenta homens, sob o comando de Gaspard Roust, defendeu o Vaticano durante seis horas e matou oitocentos soldados imperiais. O quarto centenario dessa brilhante acção militar foi solenemente comemorado em Roma, no dia 6 de Maio deste ano.

Desde a primeira metade do século XV, os Papas contratavam, para sua defeza pessoal, um pequeno contingente de mercenários da Suíça, que era então o grande armazem de soldados. Mas só a partir do Papa Julio II, que fôra bispo de Lausanne, essa guarda teve um efectivo fixo e regular. O primeiro capitão da guarda suíça do Vaticano foi Gaspar de Silinen, parente do cônego Pedro de Hertenstein, que exerceu grande influencia na dieta de Zurich, no sentido dela dar autorização para que se organizasse esse pequeno corpo de tropas.

Nesse tempo, a guarda suíça não era só para vista. Sabe-se que Julio II foi um papa guerreiro, e que o seu successor, Leão X, tambem teve de batalhar por mais duma vez.

O traje dos suíços do Vaticano foi desenhado por Miguel Angelo e compunha-se dum gibão e dum calção tufado, amarelo, com riscas encarnadas e azuis escuras. Os soldados tinham alabardas e espadas e um gorro de veludo preto, que, em campanha, substituíam por um capacete de aço cinzelado.

Gaspar de Silinen, o primeiro capitão dos suíços do Vaticano, morreu em 1517, no combate de Rimini.

Quando, a 5 de Maio de 1527, o condestavel de Bourbon atacou Roma, á frente de 40 000 homens, mais bandoleiros do que soldados, era capitão dos guardas suíços um outro Gaspar (Gaspar de Roust) que, como já foi dito, se portou heroicamente, sendo morto com as armas na mão. Os suíços foram todos massacrados, mas o Papa estava salvo, pois conseguira chegar ao castelo de São Angelo, apenas acompanhado de quarenta pessoas, e tomando por uma comprida e inexpugnável galeria, que unia a igreja de São Pedro ao referido castelo.

Vencida a resistencia dos suíços, os imperiais saquearam o Vaticano e, levando tudo a ferro e fogo, mataram oito mil habitantes, em um só dia, não poupando mulheres nem crianças.

Um mez depois, Clemente VII capitulava, pagando quatrocentos mil ducados de resgate, por ele e por treze dos seus cardeais. Não esqueceu que devia a sua salvação aos suíços e quiz reconstituir a guarda pontifical. Não o conseguiu, porque nesse tempo Zurich já era dos protestantes. O seu successor Alexandre Farnese, papa sob o nome de Paulo III, entabou negociações, em 1536, com os cantões católicos, e acabou por concluir, em 1548, com o Governo de Lucerna, um pacto, segundo o qual lhe asseguravam o recrutamento duma companhia de duzentos e vinte cinco homens.

Com o correr dos tempos, a Guarda pontifical deixou de ter responsabilidades militares; hoje tem uma função que só não é meramente decorativa, porque lhe está confiada a segurança do palacio e das suas preciosas colecções artisticas. O seu efectivo foi reduzido a cento e vinte homens.

Em 1657, o cabido de São Pedro fez concessão perpetua á guarda suíça, da igreja de S. Peregrino, situada nos limites do Vaticano; anexo a essa igreja, existe um cemiterio onde foram enterrados, até 1870, todos os officiaes e soldados da guarda, falecidos em Roma. O povo designa-o por cemiterio «dei Tudeschi» (dos Tudescos), por motivo da guarda ser quasi constituída por suíços alemães. O cargo de coronel da Guarda é, desde 1652 até agora, quasi hereditario, na familia dos Pfyffer d'Altshofen, de Lucerna.

Varios acontecimentos historicos, como a invasão francesa, a proclamação da republica romana, a revolução de 1848, etc., fizeram com que a guarda sofresse varias transformações, mas, dum modo geral, nunca se perdeu o fio da tradição que une os actuais suíços do Pontífice aos heroicos suíços da defeza do Vaticano, em 5 de Maio de 1527, ha quatro seculos.

AS MULHERES ALEMÃS

Segundo estatísticas publicadas em Berlim, 40% das mulheres alemãs ganham a sua vida, referindo-se apenas esta estatística a mulheres não casadas. Em Berlim, mais de 800 000 mulheres—um terço da população feminina—trabalham. Mas nos distritos industriais e Estados do Sul a percentagem de trabalhadoras, em relação á de ociosas, é de 50%. O número de casamentos tem diminuído consideravelmente. Em todo o país alemão há apenas 5 000 000 de mulheres casadas, havendo 7 000 000 de trabalhadoras. No Wurttemberg a percentagem de casadas é de 16 para 100.

OS PRIMEIROS BARCOS A VAPOR

Foi em 1798 que Livingston obteve, do Estado de Nova York, um privilegio de inventor, durante vinte anos, com a condição de apresentar, antes de 27 de Março de 1799, um barco capaz de percorrer 4 quilometros por hora. O barco ficou pronto nessa data, mas não atingiu a dita velocidade. O *Claremont*, de Fulton, foi o primeiro que fez um serviço regular, realizando a sua primeira viagem a 16 de Agosto de 1807, vencendo a distância de Nova York a Albany, com uma velocidade horaria de 7 500 metros. O *Sirius* e o *Great Western*, que ligaram a Inglaterra á América, em 1838, faziam a travessia em quinze a dezoito dias. O *New-World*, em 1859, manejava no Hudson a 36 quilometros á hora, e o *Persia*—o maior barco a vapor dessa época—fazia 30 quilómetros com uma força motriz de 1 200 cavalos e rodas com 12 metros de diâmetro.

DIAS FERIADOS

A palavra *feriado* vem do latim *feria*, ou seja, *feira*. As *feriae* publicas tiveram origem na Roma antiga, no tempo de Numa Pompilius, que imperou desde 714 a 671 a. C. Vários autores latinos dizem-nos que havia então quarenta e oito *feriae* publicas, no ano. Nesses dias não havia trabalho, mas as *feriae* eram mais festas religiosas que diversões publicas. No tempo dos Cesares, perderam um pouco esse caracter religioso e passaram a ser mais numerosas. Com o advento do Cristianismo, os dias feriados conheceram um brilho extraordinário. A Igreja fixou o seu número, que poucas modificações tem sofrido.



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICACAO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
ilustrado



TEATROS

TOURNÉE ILDA STICHINI

Ilda Stichini, que é uma grande actriz, está fazendo uma «tournee» triunfal pelas provincias. Saiu de Lisboa, após graves discussões com o seu antigo empresario Luiz Pereira, pessoa da nossa velha simpatia, homem honesto e probo, e que gosa de merecido respeito nos meios teatraes. Lamentamos o facto, pois nada mais desagradavel do que questões entre pessoas da categoria social de Ilda e do seu empresario. E não tomamos partidos.

Agora, que o triunfo de Ilda Stichini, e do seu primeiro contratado Raul de Carvalho está marcando, sem duvidas, não podemos deixar de frizar que, os processos naturalistas destes dois artistas e de alguns outros bons nomes que os acompanham, entre eles a brilhante e valiosa actriz que é Luz Veloso, são os processos que melhor colhem hoje.

Alem de tudo ha a juventude desse «couple» tão português, tão moço e tão atraente que é Ilda e Raul.

Oxalá para o inverno, em Lisboa, possamos ter outra vez o prazer de os ver representar, melhorados ainda no acerto das scenas, que esta longa, e decerto proveitosa convivencia hade produzir.

UM QUADRO ORIGINAL

Numa das revistas que se exhibem nos palcos lisboetas em agosto será apresentado um quadro referente ás Festas da Curia, e nele aparecerão os modelos das grandes casas de modas, que enviarem as toilettes para o baile Garrett do Palace, naquela estancia. Actualmente está já segura a representação de Madame J. Martin, Borges & Duarte, Ribeiro da Costa, Armazens do Chiado, Eduardo Martins, Grandela, Castelo Branco, Guarda Roupa Cruz, Jaime Valverde, etc.

Maria Vitoria

a revista

LUA NOVA

Grande sucesso

CARTAS DE UM COMEDIANTE

empresarios e artistas

Uma de Paschoal Segreto

Os empresariois e os artistas. Sem artistas não há empresario de teatro possivel. Mas estes ainda podem representar por sua conta, ponto é que a Inspeccão o consinta.

Qual o conceito que fazem dos artistas, os empresariois? ... «Os actores são limões que se espremem e que depois de espremidos se deitam fóra» ... dizia Celestino do Silva.

Mais ou menos todos pensam da mesma forma, os discipulos de Celestino e os que, de adiantados que estavam, não precisaram de se treinar na sua humanitaria escola.

O empresario seculo XX que fez algum curso, que viajou, que compoz livros, ainda tem pelo artista a consideração que deve ter.

O de antanho, que se treinou no labirinto de *bordereaux*—um para a companhia, outro para o fiscal dos impostos, outro para os autores e ainda outro para os socios capitalistas—esse encara o artista como uma *avis rara*, doidejando de capricho em capricho, ou como um ser inferior a quem compete trabalhar a soldo, sem o direito de reclamar.

Mas há empresariois e empresariois ...

Paschoal Segreto—Deus o tenha!—era um tipo curioso de empresario. Bela alma cá fóra ... A tratar de qualquer negocio de teatro, era um cigano. Defendia como um leão um miseravel vintem. Mas tinha palavra. E sempre a cumpriu.

Aí por 1913 foi parar ao Rio de Janeiro Julio Vilar—o artista mais bizarro que tenho conhecido. Firmou contracto com Paschoal Segreto para se exhibir durante oito dias numa urna de vidro, sem alimento de especie alguma. «O Enterrado Vivo» levou ao Teatro São Pedro, onde uma campainha retinha dia e noite, metade da população carioca.

Julio Vilar definhava dia a dia. Mas resistia heroicamente. Paschoal Segreto, que não largava a porta do teatro, a fiscalizar as entradas, ia a miúdo até á urna e ficava-se longos minutos a conversar com o enterrado vivo por um tubo acustico. Inquiria da sua disposição de espirito, animava-o, dizendo-lhe no pitoresco acento napolitano que nunca conseguira perder:

«Faltam só treis dia, Vilar!.. Tenha paciendzia» ...

Certa madrugada, no peristilo do teatro, estavam uns cinco artistas (entre eles, o Antonio Silva da Satanela Amarante) a contemplar o pobre Vilar encerrado na urna, barba muito crescida, tez esverdeada, arquejante quando chegou o Paschoal.

Bate na urna, e explica-lhe, por sinais, que vai falar:

—Como 'stá Vilar?.. Vucé 'stá contente, ahn! Grande negocio fizemo nois ... Cincoenta por cento da receita bruta ... Vucé 'stá rico, sabe ... Ten venido munta dgente, verdade?!.. Vucé acaba amimhá.

O outro, lá de baixo, agarrado ao tubo acustico, fazia esforços sobreumanos para sorrir ao empresario.

—Diga una cosa Vilar: Vucé oje ten febre?..

E o outro a abanar tristemente a cabeça ...

—Quantos grados di febre? Trenta e nove? No ten importandzia ... Trenta e nove não é febre, sabe ...

«Vucé 'stá con fome ... Vucé agora comia una galinha intérinha, verdade?..»

«O'hia, Vilar ... eu tenhe una ideia, sabe, una ideia formidabile ... Vucé

cá por dentro

A distinta actriz Leonor da Eça reaparecerá ao publico nas representações classicas das Grandes Festas da Curia.

—A Companhia Ilda Stichini Raul de Carvalho tem contratos na provincia até ao fim do mez de Novembro.

—Dum escritor português emigrado em Paris, e em más circunstancias, será representada brevemente uma peça inedita.

—O illustre escritor Lino Ferreira bateu na passada epoca de inverno o «record» dos autores [fazendo representar, em peças originaes e traduções, em colaboração cerca de 40 actos ou quadros diferentes.

—A peça de abertura de inverno no S. Luiz começará a escrever-se por estes dias. Como se sabe são seus auctores, Duarte Sequeira, Pereira Coelho, Felix Bermudes e João Bastos. E' uma revista «feerie».

—Segundo informações que reputamos autorisadas, para a proxima epoca haverá revistas nos teatros: Maria Victoria, Eden, S. Luiz, Avenida, Gimnasio e Apolo. Mais uma nova fase de recrudescimento e progresso desse genero?

vae sahir aminhá da urna, verdade?.. Mais é melhor no sair da urna. Vucé quer ficar milionário?.. Fazemo negodzio nuovo ... Eu dá para vucé setenta por cento das entrada ... Fica ahí dentro mais oito dia, Vilar!..

CARLOS ABREU

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» gets arranjado de novo. O pai dos cinemas lisboetas. Odimos films, sempre variados e para todos os paladares do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplicissima e elegante sala.

Tudo

Consegue. Rua do Sol ao Rato, 215, 3.º

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industrialis mais categorisados. Films de primeira escola. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias de formas a torna-la a preferida do publico.

S. Luiz Politeama Trindade Avenida Apolo Eden Variada-Salão Foz des

Actualmente: «A Lagartixa», com Auxénia d'Almeida.

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida em os nomes de Nascimento Fernandes Rafael Marques e Conclista Ulis, grande estrela de «varietes». Actualmente, a peça cheia de verve: «Joãozinho».

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erico, Almeida, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa. Actualmente, «A Toga Vermelha».

Companhia Satanela Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Além de Amarante—o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luzia Satanela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca ao «fic» parisiense de seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «O Padre Curia».

Brevemente: «Al Madrugada», com Ester Leão.

Brevemente companhia Almeida Cruz com a revista «Cosido á portugueza», grande revista.

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e drama». Exitos, «tournees» triunfais a zistarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante de Parque Mayer. Actualmente «O Topa a Tudo» e o Comde de Bamber em fim de Festa.

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco teatro de Lisboa. Alegria e arte.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Ramiro Pinto & C.
 146, R. AUGUSTA, 148
 TELER: C. 1646-LISBOA
CANDEIROS EM TODOS OS ESTILOS
 BANHEIRAS, ESQUENTADORES E ARTIGOS SANTARIOS

«TENS razão, tens. Essa alegria que te faz rir e te enche os olhos claros duma luz mais viva, vem muito de dentro, sobe-te do coração á boca a explodir em canticos, como um foguete que subisse no ar lavado duma aldeia em festa.

Bem sei, bem sei. O Antonio gosta de ti, perdidinho de amores por ti, não vendo ninguem no mundo senão a ti. E' bom rapaz e a tua mãe, essa viuvinha cansada e triste, que todas as manhãs e todas as tardes te acompanha de casa para o martirio do atelier e deste para aquela, tua mãe, que me sorri sempre que me encontra, gosta tambem d'ele, acha-o serio, digno de ti, da tua alma carinhosa e boa, do teu sereno e manso coração.

Trabalhador, modesto, sem as doidezes dos rapazes de hoje, amigo de fazer bem, a consciencia limpa dos pecados que pesam sobre a nossa, ha de fazer-te feliz, muito feliz, até.

E bem o mereces. E's boa, és linda, linda e boa como ninguem. Os teus olhos andam sempre limpidos, sinal de que a tua alma vive sem mortificação e sem tristezas. Bem o mereces, pela tua graça, pelo teu coração, pelo teu amor.

E eu que já descri de tudo, em que nas outras mulheres não vejo mais do que ignorancia, fatuidade ou mentira eu que para as outras tenho sempre, uma desconfiança engatilhada, só tenho palavras doces para ti, só vejo em ti a criatura adoravel capaz de levar a felicidade ao coração do mais desgraçado de todos nós e a alegria salutar das grandes horas aos olhos



... mãe, que me sorri sempre que me encontra...

mais apagados e mais cegos de chorar.

E porque será tudo isto? Não sei. Mas deixa que me recorde. Vai para dois anos encontrámo-nos já não me lembro aonde. Não nos conheciamos. Mas quem nos visse diria que já eramos amigos, tão familiarmente nos olhávamos, tantos sorrisos trocámos durante algumas horas.

Vinha ralado de saudades. Lisboa

A ultima carta

Pagina duma bela sentimentalidade onde Mario Salgueiro nos conta a doçura duma renuncia de amor...

atordoava-me. Não havia uns labios que me sorrissem, braços amigos que se me estendessem. Era só, no meio de tanta gente. E enquanto o borbirinho infernal das ruas — naquele domingo de sol doirado — me compungia, sem o saber quasi, ia recordando a paz consoladora do meu burgo, as suas ruas tristes, as arvores, as fontes, hortas e pomares, encostas e serranias, num desfiar amargo de saudades que me faziam bater o coração mais apressado.

Cercava-me um ambiente de tortura.



Mas quem nos visse diria que já eramos amigos...

Olhava e não via, gritava e não sentia em derredor de mim a vibração do meu grito.

Foi, então, que apareceste, simples e honesta, um riso claro a iluminar-te

as faces, os seios altos, os cabelos enovelados, espargindo alegria, atraindo as almas, cheia duma tão consoladora humildade e tão linda, tão linda,



... ficávamo-nos á janela da sala de visitas...

que os meus olhos, quentes de sol e quasi cegos de olhar em vão, se refrescaram de te ver.

Segui-te, namorámo-nos. E sempre na minha alma pairou a doçura extraordinária dos teus olhos, sempre no meu coração ficou a natural e salutaríssima influencia do teu. Foram uns amores simples, sem arrebatamentos, que ao teu espirito se antolhavam perigosos, sem loucuras, sem audacias, tu ouvindo, eu dizendo-te palavras amigas que até ali não soubera e que de então para cá inteiramente me esqueceram.

A tua casinha era para mim um templo. Para baixo, estendia-se a cidade, uma aglomeração informe e barbara

COISAS EM QUE NINGUEM PENSA

Recebemos a seguinte curiosissima carta.

Já que os grandes jornais, talvez por serem grandes, estão sempre cheios, talvez o «Domingo» publique estas linhas dum caturra dominguero.

Sabe V. quantos braços uteis estão nas cádiás portuguesas, falando apenas dos da metropole, segundo as estatísticas que o meu cargo me traz á mão? Sete mil! — pois os presos orçam por 3.5001 numeros redondos, não contando com os das enfermarias. Imagine V. o que seria este exercito trabalhando em alguma coisa de util, nas estradas, por exemplo. Bem sei que nos vêm, com a hipocrisia do costume, falar na imoralidade dos trabalhos forçados. No entanto quantos não prefeririam o bom sol ás masmorras da provincia, sem luz nem ar.

Mas ha mais: os individuos presos como vadios, no ultimo ano de 1926, orçaram por 2.700, em Lisboa e Porto.

Basta percorrer á tarde as praças e jardins publicos das duas cidades para ver a quantidade de individuos valiosos que estão estampados ao sol, nos bancos.

Tal espectáculo não se permite em nenhuma capital civilizada — mas existe em Lisboa. Agora pergunta-se: se os apanhados nas rusgas, sem profissão, sem eira nem beira, ou sem emprego, porque muitos ha que estão involuntariamente desempregados — fossem obrigados a ingressar em colonias de trabalhadores, não se produziria uma verdadeira obra de ressurgimento economico?

E' que é bom pensar-se que não é apenas o dinheiro, mas são os braços que hão-de fazer o milagre Português!

Sr. director.

De V., etc.

C. G.

de casario negro e sujo, o Tejo claro todo salpicado de barcos, a mancha verde dos arvoredos, telhados, chaminés, balcões.

Aos domingos, tendo jantado fóra e após algumas voltas para longe, Que luz, Cascais ou Sintra, ficávamo-nos á janela da sala de visitas, pequeno aposento oblongo, onde um canario muito amarelo ria, á espera que a noite descesse, que as sombras viessem do alto pousar sobre a cidade o seu manto escuro todo constelado de luzes.

Eram longas conversas entrecortadas de risos, que soavam aos meus ouvidos como o chilrear madrugador duma cotovia nas leiras da minha horta.

E sempre a tua alma foi como no primeiro dia em que te conheci. Estremeci-te. Por isso hoje me alegro com a tua alegria. E se o meu amor a Lisboa é tanto hoje, se a minha amizade a esta terra linda está tão enraizada que nada pode arranca-la já, a ti o devo, porque começava a odia-la no sagrado momento em que me apareceste.

Tens razão. Nesta noite em que por toda a parte o santo casamenteiro alvoroa o coração de tanta rapariga, acordando os sonhos de amor que neles dormem (bastando, ás vezes, tão pouco para os despertar...) bom é que o teu coração se alvoroe tambem com a lembrança do primeiro beijo que o Antonio te vai dar na noite alegre do teu noivado.

Gosto de ver-te assim, os olhos claros como duas manhãs de maio, a boca fresca e linda como um cravo vermelho, o teu ar gentil e delicioso de rapariguinha linda que não sabe porque o é.

Vais ser feliz, Maria, vais ser feliz. E bem o mereces, pela tua graça pelo teu coração, pelo teu amor...

Pela copia

MARIO SALGUEIRO

ANTECEDENCIA



—Estou ha 8 dias na terra e tenho pena de não ter vindo logo direito a este restaurante, que ainda não conhecia...
—Oh! muito obrigado, muito obrigado...
—... porque se tenho vindo logo, tinha apanhado talvez, este peixe ainda fresco...

A QUELE pateo lugubre do Governo Civil tem, na claridade azul da manhã, a frescura dos claustros antigos. Paira o sossego doce dos conventos de provincia. A propria agua da torneira da companhia,—que nasce, quando nasce o sol, goteja, no ping-ping monotono e fresco, a dar o gorgear das fontes antigas. Negro, como uma mancha de tinta da China, o corvo, o Vicente do Governo Civil, lesto, elastico, nervoso, pisando bem o empedrado mourisco do chão, esgaravava um pão de terra. E, longe, confuso, um grunhido ou um ronco chega até ali dos calaboiços e dos depositos.

Fôra começa o taiocar ligeiro dos primeiros trabalhadores e dos leiteiros. E' tudo ainda azul. Mas, a rua anima-se como por encanto. Dos calaboiços, a longa fila, ensonentada e mole, ergue-se, a custo. E' toda uma massa suada e negra, hirsuta, irregular, tragica nas suas expressões ansiosas. São os cadastrados.

Ha de tudo. Desde as elegancias «cursi» das vielas duvidosas, ao an-drajo, á doença, ao aleijão fisico e moral.

Passam côres vistosas de «entoleuses» de patibulo e caras sinistras de embarcadiços, queimadas do calor dos portões.

E' um exercito de crime, de miseria e de escoria. Chegam as «camionettes» que os conduzem a bordo, no silencio frio das ruas desertas.

E a bicha forma, numa pantomima grotesca de parada, apumando lentamente os corpos cansados á revista do oficial de serviço...

Só poderão sair todos juntos e ha que esperar a chegada de mais viaturas militares.

São da escada que conduz ao Posto Antropometrico e falo a um rapaz. Tem os olhos pisados, o corpo é magro, uma ganga de trabalho empastada de suor e de pó. Quero pressentir, naquela hora de tragica partida, a confissão dum homem novo, que a sua terra e a cidade onde nasceu e se creou têm de escorraçar, arremessando-o para o desconhecido duma longinqua colonia penal.

Dou-lhe alguns pacotes de cigarros e então, o seu olhar mortico e fatigado fixa-se no meu.

Dir-se-hia que pela primeira vez esse rapaz recebia alguma coisa dada. Então, enquanto os outros procuram, ao arrumar as pequenas bagagens, lobrigar fóra das grades dos portões algum rosto conhecido entre a mancha escura do mulhero que se juntara de frente, fomos conversando.

E dessa conversa, onde não foi preciso pôr litteratura, nasceram as linhas que se seguem:

E' nelas, apenas, cronista a propria vida—cronista fantastico, vivo, caprichoso, como jamais o foi o cerebro dalgum romancista...

J. D., 22 anos, 22 prisões, é um ra-

O homem que ensinava a roubar

20 ANOS DE IDADE! 22 PRISÕES POR FURTO!

Pagina emocionante de confissões dum cadastrado, que embarcou ha pouco no «Zaire».

R paz flanzino, nervoso, moreno, de largos olhos rasgados um pouco á flôr da pele, a boca fina. Nasceu á Esperança, filho dum carpinteiro de barcos e calafate, e duma mulher ainda viva, que cegou, e largo tempo vendeu no Rato jogo de lotaria.

Foi preso pela primeira vez aos 12



Dera-lhes todas as explicações de como deviam roubar...

anos, no mercado de S. Bento. Era pelo verão e roubara uma melão, de sociedade com o rapazio que se juntava no largo, pelas tardes frescas. Fôra só ele agarrado, como mais velho, e dormira essa noite na esquadra do Caminho Novo. A esquadra do «Caminho Novo» l—e «caminho novo» foi realmente na sua vida essa primeira entrada numa esquadra. Nunca sentira a dôr da prisão, nem a lembrança dessa noite de choro—onde havia ainda tão grande reacção moral—se apagou jamais da sua vida. Esse primeiro embate, forte e brutal dos homens da policia, quando em si despertavam ainda todas as ternuras duma adolescencia talvez generosa, foi como se lhe retalhassem para sempre a sua sensibilidade em botão.

Nessa noite J. D. conheceu no pequeno calabouço da esquadra um homem já edoso, correcto, fino de conversas, que usava olhos e tinha sobre a mesa uma velha pasta de coiro. Estava preso como receptor e seria julgado no dia seguinte.

Foi esse homem que lhe enxugou as primeiras lagrimas. E, quando J. D. lhe contou os seus receios de que o padrinho—o que tinha a carvoaria á Travessa da Peixeira—lhe batesse por ser preso, o homem dos olhos sorriu-se, fez-lhe uma festa, e escreveu-lhe um bilhete. Com esse bilhete ele iria a uma casa da Rua das Taipas, onde dormem e comem os «amola tesoiras e navalhas». Esperaria lá por ele. Era uma questão de dias...

E assim foi, realmente...

Dois dias depois o homem dos olhos tinha-se afeiçoado e aparecia na casa da Rua das Taipas, onde fôra dormir o rapaz, depois dum sopapo do cabo e da vagabundagem esfomeada dum dia á solta nas ruas da baixa. Nessa noite, e nas noites seguidas, J. D. foi admitido num pequeno quarto onde este homem dos olhos, cujo nome todo é o «Ratado», pelo defisto duma orelha, lhe recomendou um rol de cuidados para sua defeza. Assistiam a essas explicações praticas dois ou três companheiros, que não tinham mais de 15 anos.

Foi o «Ratado» que lhe deu os primeiros tostões para a vida e lhe trocou por um masso de cigarros a primeira malinha de prata roubada no Jardim da Estrela, a uma petisinha inglesa. O que foi a fuga pelo jardim, ofegante, violenta, depois desse pri-



Eram aquelas noitadas de brodio popular...

meiro roubo consciente, evoca-o ainda J. D. com emoção.

Depois veio a lição do roubo nos electricos. Ainda o «Ratado» lhe em-

prestou um fato. E a sua segunda prisão data dessas primeiras tentativas, inabéis ainda, de roubar os passageiros.

Esperava pela tarde os electricos cheios, e ficava na plataforma. Punha na boca uma pastilha para fazer mau halito. Os passageiros, recebendo em cheio na cara essa lufada terrivel, voltavam-lha. Era então o momento de operar... E dezenas, quasi centenas de vezes, a operação se fez, já mais habil o operador...

Mas outras, o escandalo surpreendia-o, e era então o vexame da prisão, das invectivas, do calaboiço, e do julgamento.

Porque não trabalhava?

Porque, sendo talvez inteligente e habil, não procurava o sossego dessa vida ordeira e feliz, onde o trabalho de cada dia compensava o premio duma noite de sossêgo?

Que estranho atractivo via nessa vida de agitação e de perigo, correndo na escuridão das ruas, fugindo ao reconhecimento das rusgas donde a sua fisionomia de cadastrado o não deixaria escapar?

A's vezes havia uma recordação dos bons tempos do Mercado de S. Bento, ou depois, daquelas noitadas de brodio popular, e aquela lembrança lugubre da prisão na esquadra do Caminho Novo.

Então aparecia-lhe o «Ratado», como um demonio de tentação a convencê-lo e a ensina-lo—e todo o sudario longo de prisões revivia como um cortejo de miserias que o dominava.

Tinha que ser! Sentia-se mais fraco que a fatalidade.

Depois, perguntei-lhe:

—E o «Ratado», que é feito dele?

—O «Ratado» morreu. Mas já muito antes de morrer se deixara de nos ensinar...

—Porquê?

—Contos largos...

—Conta sempre...

—Foi o caso da prisão daquele pequeno do escritorio que roubou o Visconde de S. Não se lembra?

—Sim, muito bem. Mas que tem isso?

—O «Ratado» foi que o levou aqui—e só depois do garoto preso é que soube, por ter aparecido a mãe,—a Vida vingá-se ás vezes—que o pequeno era filho dele!

Desde aí desapareceu.

Foi morrer ao Alentejo, um ano depois, numa rixa na Feira de Evora...

—A Vida vingá-se, acredite!

O REPORTER MISTERIO

Os insectos das arvores

Evita eficazmente que as arvores sofram os enormes prejuizos que causam todos os insectos, usando-se o acreditadissimo produto americano:

Cola «TANGLEFOOT»

A' venda na DROGARIA CEZAL

De ALBINO GARCEZ 12, Rua do Comercio, 14

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CAS PALAVRUCIDAS
o passatempo da moda

N.º 5
5.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

26
JUNHO
1927

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

OBARADAS EM VERSO

A uma lida que es já

1 Poste tu, lida, foi o teu olhar
Altivo, friliceiro, seductor,
Que faz de mim, que fui dominador,—1
Um triste ser que só te sabe amar!—1

Minha alma é tua; é teu o meu amor.
Quero viver apenas p'ra chorar;
Mas sempre, onviste tu? quero gozar
A vida assim, sem atender á dor.

Que val minando e mata, lentamente ..
Se D us que é Bom e vive eternamente—1
Se apiedar, por fim, da minha sorte,

Suplicarei ainda, por prazer.
O meu maior desejo é só sofrer
E é por ti que eu tenho medo á Morte!

Lisboa

JAMENGAOL'

A ninguém

2 Outrora menosprezal—2
Tua sincera alicção
E, vingando-te, Cupido
Asseteou-me o coração.

Hoje, és tu que te não dignas
Os rogos meus atender
E, sem pesar, inda atizas—1
A chama do meu sofrer!

Sê generosa, sê boa
Perdoando ao zombador
Que, rinda outrora de ti,
Por ti está louco de amor..!

Lisboa

BAGULHO

3 A noite é escura. O vento sibila.
Escassa a luz: O denso nevoeiro.
A chuva miudinha faz tudo em lambeiro
E a cidade dorme numa paz tranqüila.

As ruas estão qual desertas;
Só entre policias passam lentamente.
Mas, junto a uma porta, está um pobre ente
Já velho, encurvado, costas mal cobertas.

A triste deslida de não ter ninguém—3
Faz dele p-dinto, pobre vagabundo
Que pede—coitado—num trage imundo,
E do qual imensa gente, pena tem...—1

Continua o vento sempre sibilando
Por sobre a cidade, toda adormecida.
E o misero infeliz soa tho nesta vida,
Dorme o sono eterno que andava esperando!

Castelo Branco

MANÊ BEIRÃO

Chamando Lordanozes á peleja

4 Tira o chapim da cabeça—4
P'ra decifrar sem enlido,
E «nora» que este trabalho—1
E' dum autor descurado.

Bafundo

D. SIMPATICO

Alvorece. O galo canta
sobre o muro empolcitrado.
E o lavrador, já suado,
espalha o grão na terra santa.—3

Das aves o são trinado
—Maga toada que encanta—
salva ao S 1 qu' se levanta
com venho de estremunhado,

Sai o gido p'ra pastagem
e o proprio sepro da aragem
é meigo hino de amor..

A certa pena é forçado—1
quem tenha d'esse d'ido
do campo o magicoavor.

Lisboa

DITE

Aa Inlito Jamengal

6 Quem ha que não tivesse feito versos
A' dama elita do a u coração?
Qua ha que pelos modos mais diversos
Não exaltasse em rim's a paixão

(Que ás vezes não é mais que simpatia? ..)
Versos de amor... um sonho de ilusões—1
Que se desfaz ás vezes num só dia,
Tornando malditos as paixões.

Versos de amor são juras de «muher»,—2
Promessas de homem, bofes de sabão...
Dourada fantasia que qualquer
Exalta sem temer p'lo coração.

Mas, quantas vezes a mulher ficou
Por uns versos de amor apaixonado,
Sem ver que a doce toada que a levava
A terna muitas vezes desgraçada!...

Lisboa

UTS

CHARADAS EM FRASE

Ao illustre confrade Pato Bigas

7 Onde quer o senhor encontrar melhor clima do
que na aldeia.—2—1

Lisboa

AFRICANO

Aos totalistas por obsequio

8 Acho essa forma de proceder, uma coisa ridicula
e admira-me bastante que os senhores fiquem satisfeitos.—2—1

Lisboa

ORDIGUES

9 Não pode dizer-se delicado quem dirige palavras
desagradaveis a uma senhora, mesmo até quando essa
senhora é uma velha arrebitada e pretenciosa!—2—1

Coimbra

FRANCOERQUE

10 Tudo denuncia que, a meu pesar isto terá de ser
pedido com instancia.—2—1

Lisboa

GABI

11 Já encontrei o modo de obter com duas «notas» de
cinco escudos, belos e saborosos manjares bem adubados.—2—1

Porto

RENANDOP

ENIGMA FIGURADO

Ao cony-nde D. Simpatico



Lisboa

EURISTO

GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS

E SABOARIA LISBONENSE

RUA DE S. BENTO, 114 A 130
Telefone 801 1.

FABRICA DE MOBILIAS ALEMTE-
JANAS

Fabrica de Carpets e Stores de junco
Mobiliias e outros artigos de verga
Tapetes, Passadeiras, Carpets
e Capachos

Officina de reparação e limpeza d'arti-
gos de verga

SABÃO e outros artigos para limpeza

Fabrica de sabão no SEIXAL
Descontos para revenda

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 125

HORIZONTAIS.—1 Lá-
pil, Bilro. 2 Bifar, Caita. 3
Ópimo, Exalo. 4 Hirco, Ba-
bel. 5 Dacos, Lilás. 6 arais,
Ossos.

VERTICAIS.—1 Labéo,
Hidra. 2 Bufai, Rédua. 3
Largo, Ousas. 4 Bigle, Bal-
do. 5 Loisa, Balas. 6 Oca-
so, Lisos.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso ilus-
tre colaborador «EDIPO
IGNOTO».

HORIZONTAIS.—1 des-
cendente de Jacob. 2 país
da Asia menor. 3 risca. 4
cães. 5 primeira e ultima
de «radical». 6 maneira. 7
aclamo. 8 preço. 9 cão. 10
parasita. 11 lucro. 12 em
francês. 13 armadilha. 14
depois. 15 dirija. 16 ascen-
dencia. 17 arvore. 18 abor-
recimento. 19 existe. 20
dia. 21 qualquer. 22 reten-
cionária. 23 erudito. 24 im-
pedi. 25 três vogais. 26
planta. 27 frouxo. 28 curso
de agua de Portugal.

VERTICAIS.—1 ala. 2 nas-
cimento do sol. 8
pregão. 13 arvore de Madagascar. 15 nota. 17
artigo. 18 fazer parte. 19 alem. 22 magnifico.

QUADRO DE HONRA

DOIS TORREJANOS.

29 filho de Eolo. 30 «letra». 31 avental. 32 mais
33 mulher. 34 tempo. 35 peixe. 36 homicidio

3, 'mpostor. 38 até. 39 comestivel 40 dispa-
to-a 41 artigo. 42 Rio. 43 irmã 44 orvalho, 4
onde. 45 numero romano. 47 o ceo. 48 massas
49 conquista.

ALVES & GUERRA, L. DA

ACESSORIOS E FERRAMENTAS PARA AUTOMOVEIS

TELEFONE 5496 N.

ARMAZEM DE VENDAS:— 47, Rua Alves Correia, 49
ESCRITORIO:— 43, Rua Alves Correia, 43
LISBOA

L C SMITH

A maquina de escrever que pela sua resis-
tencia e rapidez todos preferem
CADA BARRA DE TIPO TRABALHA COM
ROLAMENTO DE ESFERAS
Pedir catalogos e detalhes aos represen-
tantes exclusivos para Portugal e Colonias
THE MODERN OFFICE LTD.
107, R. DO ALECRIM — TEL. T. 66



Antiquidades

A' venda e em exposição no BRIC-A-BRAC ESTRELA.—Calçada da Estrela,
57, (esquina da Rua Miguel Lupi).

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

VARIA

A INFANCIA DUM HEROI



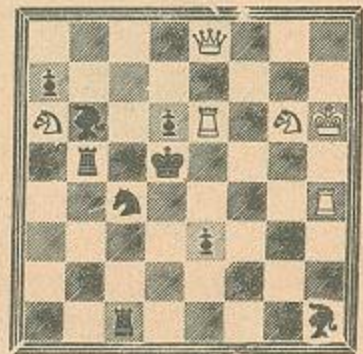
A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Oremio Literário, Rua Ivens n.º 37

N.º 128—PROBLEMA

Por J. C. Walnwright

1.º premio—1918

Pretas (9)



Branças (6)

Mate em dois lances

Solução do problema n.º 127 (San Martin)

1 B f 8—g 7

Resolven os problemas N.ºs 125 e 126 o senhor Nuno Cardoso.

DAMAS

PROBLEMA N.º 127

Pretas 3 D e 4 p.



Branças 9 p.

Branças jogam e ganham.

Solução do problema n.º 126

Branças	Pretas
5-27	32-23
11-15	20-11
21-25	23-16
24-27	31-24
4-8	11-4 (D)
15-18	22-15
13-22-31 (D)	29-22
8-31-20-11-18-29	
Ganha	

Resolveram o problema n.º 125 os srs: Alvaro dos Santos, Armando Machado, Artur Santos, Augusta Teixeira Marques, Barata Silgueiro, H. Braga (Pernes) J. Brazão (Infantas), Manuel da Fonseca, Mario Domingos Pereira, Miguel Jesus Panamacho, Um Falsense, Luiz dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado por «Nuno» (Figueira da Foz).

Para a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirija a secção o sr. Jéko Eloy Nunes, Cardoso.

Barreira de Sombra

CAMPO PEQUENO

A lousada em benefício do popular cavaleiro José Casimiro, na qual foram corridas nove vezes de tamanhos diversos e qualidade inferior, quanto a bravura, teve apenas dois touros que cumpriram, os 1.º e 8.º, lidados pelo festeiro, que ouviu bastantes aplausos.

Os três filhos de José Casimiro não estiveram nas suas tardes felizes, sobretudo, contudo, o mais velho, que prendeu alguma ferragem com bastante custo; o seu mano José tentou evidenciar-se na rez mansa que lhe coube, e o minúsculo Fernando espetou dois ferros num novillo que fugia por vezes, com medo do cavalo...

O espada «Algabeño», com as bandarilhas teve alguns pares, marcando os «queibros» muito abertos e com a muleta abusou descaradamente da mão direita. O seu valor consistiu na muita valentia e bastante animosidade, deixando as melhores impressões a muitos espectadores, a quem o seu trabalho satisfez e o aplaudiram freneticamente.

Corretilissimos com as bandarilhas, os nossos Cardo Domingos e Rafael Gonçalves, que prenderam bons pares de ferros no 2.º touro, bem como Muñoz Crespo, que no ultimo touro fez um belo par.

Grupo de forçados capitaneado por Edmundo de Oliveira não fez má figura; a concorrência foi numerosa e a direcção da lide a cargo do aficionado Artur Torres Pereira, sem protestos.

Es o que de mais interessante se passou na Casimira de domingo...

ZÉPEDRO

O nome de Charles Lindbergh deve ser sempre um dos grandes nomes do seculo. Num simples bater de azas, que durou 33 horas e 22 minutos, o jovem aviador conquistou a mais gloriosa celebridade e, como homem celebre, viu toda a sua curta e honesta vida de vinte e seis anos dissecada palmo a palmo pela curiosidade de todo o mundo. A América, país da reportagem rapida e completa, conseguiu imediatamente saber os mais intimos pormenores da existência de Lindbergh. Logo se apurou que era neto dum sueco chamado Ola Manson Lindbergh, que ha oitenta anos deixou a pátria, ofendido pelos seus conferaneos lhe terem retirado um mandato parlamentar em que, ha onze anos, entusiasticamente, se via investido. Desconsolado por ver os seus bons serviços recusados, veio para a América e, acompanhado pela mulher e um filho, estabeleceu se, como lavrador, no fecondo Estado de Mimesota. Seu filho, crescendo, casando se, e sendo por sua vez pai dum rapazito—o pequeno Charley—tinha, por atavismo, a paixão politica, conseguindo ser deputado pelo Estado de Mimesota, no parlamento

ressa-se apenas por questões de mecânica e a sua melhor distracção era armar e desarmar qualquer velho motor. Respeitador em extremo de seus pais, com um sincero espirito religioso, amando a solidão e o ruido dos motores, Charley foi crescendo, estudando com gosto as matematicas e, com esforço, todo o resto.

Quando seu pai foi deputado, Lindbergh e a familia deixaram São Luis, para se instalarem em Washington. Os pais do futuro heroi já não viam com bons olhos o seu exclusivo amor pela mecânica, a sua falta de geito para os negocios, o seu desprezo pelo dinheiro. Cultivava o desporto, mas, á excepção duma pistola de honra, ganha num concurso de tiro, nada isso lhe aproveitara, materialmente.

A certa altura, para fazer alguma cousa, alistou se na guarda nacional do Missouri, conseguindo, dentro em pouco, a carta de piloto e o posto de capitão. Em breve, fazia parte das Ryan Air Lines, e era um dos correios aéreos entre São Luis e Chicago, pouco mais ou menos a distancia entre Paris e Marselha. Não tardou muito que fôsse considerado o melhor piloto da linha. Os homens de negocio de Chicago tinham a certeza de receber a boas horas o correio, quando era «Lindy» que o trazia. A sua reputação de aviador feliz e corajoso aumentava com os seus dois salvamentos com para-quedas. Nas ultimas semanas de 1926, por duas vezes Lindbergh abriu o seu para-quedas, de noite, para salvar a vida: a primeira queda de 1700 metros, foi nos arredores de Chicago, porque o nevoeiro não lhe permitia avançar e a gazolina estava esgotada; a segunda vez, no Illinois, perto da cidade de Peoria, caiu de tão alto que, depois de abrir o para-quedas, ainda teve tempo para acender um projecto portatil, e ver onde caía.

O «Lucky Charlie»—Carlos, o Felizardo,—ouvira, como todos, falar das grandes tentativas de vôo transatlantico. Mas nunca pensaria em tentar a sorte se um jornal de Chicago não annunciasse que o milionário Raymond Ortey dava o premio de vinte e cinco mil dolares—quinhentos contos—a quem atravessasse, pelo ar, o Oceano. A noticia estava redigida de maneira que parecia ser o prêmio atribuido ao avião e não ao piloto. Isto explica por que Lindbergh, tão pouco ganancioso, se entusiasmou com ela. Não amava o dinheiro, mas amava os motores em geral, e em especial os dos aviões Ryan!

Pediu um avião destes; concederam-lho, com a condição de que alguém o pagasse, em caso de perda. Um comerciante de S. Luis, M. Knight, responsabilizou-se pelos prejuizos e entre-



Carlos Lindbergh, o grande heroi do raid Nova York-Paris, aos quinze anos, seu pai, já falecido.

de Washington. Sua mulher, irlandeza, professora numa universidade, ajudou-o na realização do seu sonho politico. Seu filho, porem tinha verdadeiro horror ao estudo dos negocios de estado, preferindo mil vezes ao convívio com eleitores, secretarios de comités e galopins eleitorais, os passeios nas florestas, completamente só, ou acompanhado pelos seus cães e pelo seu cavalo. Desde muito novo, Charles Lindbergh manifestou-se um apaixonado da solidão e a parte mais suave do seu duro raid deve ter sido a do longo silencio de 33 horas, em tête-à-tête com o motor.

Na herdade paterna, Lindbergh inte-

Cosulich Line Presidente Wilson

esperado a 23 de Julho

agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª DA CAES DO SODRÉ, 64, 1.º LISBOA Telef.: C. 3601 3602 e 3603

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RO-

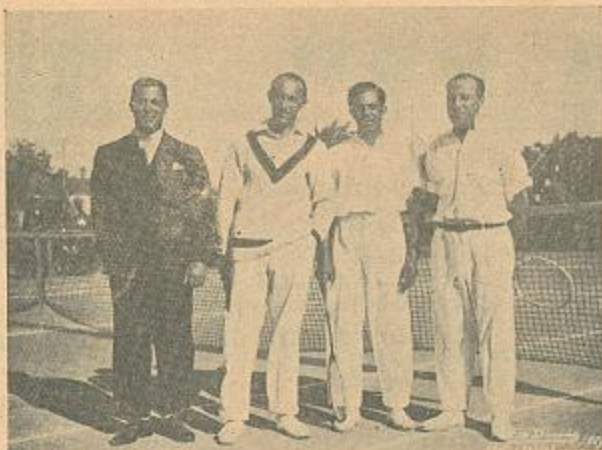
CIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

T N 3075
Alfaiataria Smart
LISBOA
65-R.S. Pedro d'Alcantara-69

actualidades graficas

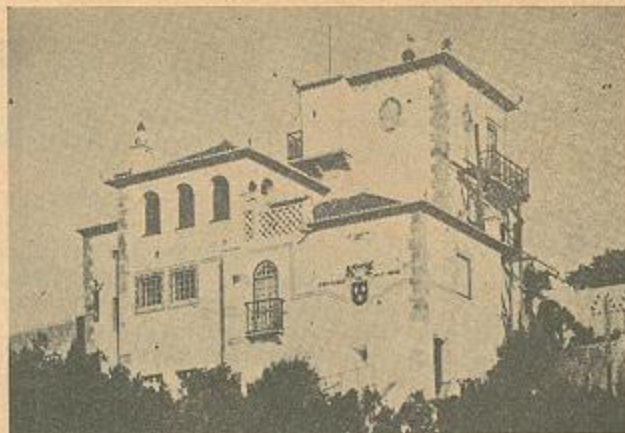
O I LAWN-TENNIS LISBOA-PORTO



A equipe de Lisboa, constituída por D. José de Verda, Casanovas, Pinto Coelho e Frederico de Vasconcelos, que venceu a equipe do Porto.

(Foto Domingo Ilustrado)

UMA CASA PORTUGUESA ANTIGA



A vivenda do notavel pintor Roque Gameiro, na Amadora, que é um dos mais antigos especimens de casa portuguesa, e que se encontra á venda. Dão-se indicações na R. D. Pedro V, 18, Lisboa.

EM PARIS. O CAMPEONATO AUTOMOBILISTA DOS ARTISTAS

VISITAS OFICIAIS



A visita do Dr. Sampaio e Melo, governador civil de Setúbal a Alcacer do Sal. (Foto Americo Ribeiro)



Uma linda actriz do «Folies Bergères», cujas pernas merecem tanto o premio como o automovel em que correu... (Foto Meurisse)

LIVROS NOVOS



A. Hernandez Catá, ilustre contista hispano-americano e consul de Cuba, em Lisboa, do qual acaba de ser traduzido e editado no nosso idioma um formoso livro de contos intitulado «Os sete pecados». Esta obra constitui o ovo volume da «Colecção de Hoje».

O I LAWN-TENNIS LISBOA-PORTO



O jogador portuense Vasco Horta e Costa que se distinguiu no torneio. Uma admiravel attitude cheia de elegancia. (Foto Domingo Ilustrado)

O CORREIO AEREO



A entrega da primeira mala de correio aereo, chegada a Alverca, a bordo do Junker's. (Foto Domingo Ilustrado)

JOIAS DA OURIVESARIA PORTUGUESA



Um as admiraveis peças de arte da casa J. e M. Pedro Fraga, Rua da Palma n.º 82, das mais justamente reputadas do País.

PUBLICIDADE

The Motor Car Stand L.^{da}

Representantes das acreditadas marcas de automoveis

Pierce—Arrow—Kissel e Pontiac

11—RUA PAIVA DE ANDRADA—13

Telefone 3100 C.

LISBOA

AUTOMOBILISTA LIMITADA

160, RUA ALVES CORREIA—LISBOA

Sempre o maior sortimento de accessorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico : AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

TELEFONE C. 641

Casa Palissy Galvani

Guilherme F. Simões

LIMITADA



COLOCAÇÕES

E reparações de campainhas electricas, telefones e pára-raios

LUZ ELECTRICA

Deposito de todos os aparelhos da sua especialidade

Preços sem competencia

Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15

LISBOA

EX.^{mas} SENHORAS

Participamos a V. Ex.^{as} que inaugurámos a nova secção de **CABELEIREIRO PARA SENHORAS E CRIANÇAS**

MANUCURE E MAÇAGISTA

nos nossos ateliers de **MODAS E CONFECCÕES** da Avenida Almirante Reis, n.º 29, 1.º D.º (aos Anjos)

Sob a habil direcção do Sr. Reginaldo Cruz, ex-empregado do Salão Tivoli **Ema Noronha, Ltd.**



Aparelhos fotograficos, chapas, películas, papeis e accessorios, dos melhores fabricantes.

Especialidade em trabalhos para amadores.

Reportagens em todos os generos e em qualquer po to do paiz. Pessoal habilitado em reportagem desportiva e actualidades.

ARMAZEM DAS LAMPADAS

Instalações electricas

REVENDEAS DE LAMPADAS E MATERIAL GRANDES DESCONTOS

116, 1.º—Rua do Crucifixo, - 116, 1.º

Telefone C. 570

EMONEURA

MEDICAMENTO - ALIMENTO



O Tónico mais recomendado pelos medicos e usado sempre com exito.

Deposito geral: **Manoel J. Teixeira** 115, R. do Poço dos Negros, 117—LISBOA

APARELHOS VIO

Chegou nova remessa. Tratamentos medicos, higiene e beleza pelos

RAIOS ULTRA VIOLETA

ARMAZEM DAS LAMPADAS

116, 1.º, Rua do Crucifixo, 116, 1.º

Telefone C. 570

SALÃO ELEGANTE DAS AVENIDAS

ATELIERS DE ROUPARIA E CHAPEUS PARA SENHORAS
Sempre os ultimos modelos.

ENXOVAIS PARA NOIVAS—Meias de seda, Perfumarias e Novidades.

Secção de **CABELEIREIRO PARA SENHORAS E CRIANÇAS**

Cortes pelos ultimos figurinos, ondulação Marcel, pinturas, etc.

49 A, AVENIDA DA REPUBLICA, 49 C.

Telefone Norte 5689

Leilões

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES—HIPOTECAS—TRESPASSES.—REFERENCIAS BANCARIAS E COMERCIAIS.

Julio Franco da Cruz, L.^{da}

108, R. DA ALFANDEGA, 1.º

LISBOA

A. CRUZ L.^{da}

R. DA MADALENA, 29, 2.º—LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos quimicos e especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras

GASES E ALGODÕES

ARTIGOS DE BORRACHA E UTENSILIOS PARA LABORATORIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para Farmacias e Hospitais

Importação directa

PARA CRIANÇAS

ALIMENTOS **ALLENBURYS**

Adequados ás varias idades

N.º 1—lacteo —para recém-nascidos

N.º 2— " —dos 3 aos 6 meses

N.º 3—maltado—além dos 6 meses

BIBERONS ALLENBURYS

O melhor modelo

lavavel—pratico—transparente

BISCOITOS ALLENBURYS

maltados, para o desmame e dentição

Representantes: **COLL TAYLOR, Lt.^a**

Rua Douradores, 29, 1.º—LISBOA

Telefone C 1386

Jaias

ANTIGAS E MODERNAS, PRATAS E ÇAUTELAS DO MONTEPIO GERAL

Compram se pelos maiores preços, seja qual for a sua importancia.

T. DA TRINDADE, 22

(Frente ao Teatro do Gimnasio)

A "Comercial"

FUNERAES TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES PARA TODOS OS CEMITERIOS, PROVINCIA, ETC

PREÇOS REDUZIDOS

URNAS, ARMACOES, COFROS, ETC.

SERVICO PERMANENTE

131, R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA: RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.

LISBOA

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAÑA
ANO - 48 ESCUDO -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ASSINATURAS

COLONIAS
ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10
ESTRANGEIRO
ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x32

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES.



Um grande atleta que desponta!

Fernando Marrecas, do «Sporting» Club de Portugal e que foi a revelação deste ano, marcando em admiravel estilo, 6m,36—sendo o «record» de Portugal 6,56. Aquêlê Club, e mui acertadamente, põe no joven atleta as melhores esperanças.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING